

M-93-18



O MOVIMENTO PENTECOSTAL NO RN: SUAS ORIGENS VISTAS NUMA
PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL.

~~POR~~

8,0
José

Ana Safira Olímpio dos Santos
CURSO: História

PROFESSOR: Marlene da Silva Mariz
DISCIPLINA: Pesquisa Histórica II



UFRN - CCHLA
Dezembro/1993



AUTOR(A): Ana Safira Olímpio dos Santos
ORIENTADOR(A): Marlene da Silva Mariz



O MOVIMENTO PENTECOSTAL NO RN: SUAS ORIGENS VISTAS NUMA
PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL.

Pesquisa de caráter monográfico
apresentado à disciplina de PES-
QUISA HISTÓRICA II, para fins de
avaliação do período.

UFRN - CCHLA
Dezembro/1993



EPIGRAFE:

"A reflexão aumenta a força do es
pírito, resultando em sabedoria.
Deixai que a sabedoria semeie flo
res no jardim de vossa alma."



SUMÁRIO

I. AGRADECIMENTOS.....	02
II. <u>Epígrafe</u>	03
III. <u>Introdução</u>	05
IV. <u>Pentecostas x Pentecostalismo: compreendendo as bri- gens e desfazendo mitos</u>	06
V. <u>Análise de Conceitos</u>	09
VI. <u>O Movimento Pentecostal no RN</u>	16
VII. <u>Considerações finais</u>	20
VIII. <u>Bibliografia</u>	21

INTRODUÇÃO

Este tema envolve (muitos) aspectos interessantes para aquele que se dispõe a pesquisar sobre religião. O Movimento Pentecostal tem suas origens no início do século XX nos EUA, e é tratado como uma linha paralela ao desenvolvimento do protestantismo no mundo; embora considerado protestante atualmente, em suas origens sofreu o descaço, as afrontas e o preconceito dos grupos protestantes de imigração ou tradicionais, que não os aceitavam como cristãos ou até mesmo como evangélicos. O Movimento Pentecostal ou Pentecostalismo, não pertence ao protestantismo clássico (Luteranismo, Calvinismo, Congregacionalismo e Presbiterianismo), podemos denominá-lo como um desdobramento da implantação do protestantismo no Brasil, conhecido como "Protestantismo de Conversão".

O Movimento Pentecostal no Brasil começou em 1910, com a Congregação Cristã no Brasil. Logo depois veio a fundação da Assembleia de Deus, de onde a maioria dos grupos pentecostais posteriores se basearam para formarem-se. O maior crescimento para as igrejas pentecostais veio depois da Segunda Guerra Mundial.

Nesta pesquisa estaremos analisando as origens do Movimento Pentecostal no Estado do RN. Estaremos procurando explicar diversos pontos que não têm sido muito bem esclarecidos por alguns estudiosos do fenômeno pentecostal, procurando assim explicitar o melhor possível qual o significado e importância do movimento.

Ao longo da pesquisa estaremos provando a popularidade deste movimento em meio às camadas mais baixas da população, que tem sido comprovada pelo grande contingente humano destas classes que superlota seus cultos, muitas vezes diários, desde o seu início nos anos vinte no Brasil.

Elementos sociais e econômicos poderão ser identificados durante a apreciação deste trabalho, como fatores que contribuem para origem e expansão do Movimento em pauta.

**PENTECOSTES X PENTECOSTALISMO: COMPREENDENDO AS ORIGENS E
DESFAZENDO MITOS**

Antes que se inicie um estudo sobre o tema objeto deste trabalho, faz-se necessário que se esclareça a diferença entre os dois termos: Pentecostes e Pentecostalismo, que teimosamente tem sido confundidos por muitos. Trata-se de terminologias que precisam de uma luz sobre suas origens para que se tenha o conhecimento correto sobre o assunto em questão, que é o Movimento Pentecostal.

A partir de uma declaração feita pelo rev. Caio Fábio D'Araújo Filho, em uma de suas muitas publicações, onde dizia que os "pentecostais precisavam de avivamento e os reformados de pentecostes" (1), observa-se a existência de diferença entre os termos pentecostes e pentecostalismo, algo que os adeptos do Movimento Pentecostal sempre pensaram que possuíam: o pentecostes. Ambos os termos são análogos. Pentecostes, segundo Elwell, significa "quinquagesimo", derivado da palavra grega "pentecostos", era uma festa dos judeus comemorada cinquenta dias após a celebração da Páscoa, onde no século primeiro da era cristã ficou conhecida como o aniversário da vinda do Espírito Santo, marcando a Genesis da igreja e de sua trajetória histórica (2). Já o Pentecostalismo surgiu muito depois deste acontecimento, e é entendido pelos estudiosos - pelo menos em sua maioria - como sendo um movimento de reforma carismática evangélica provocada pela experiência da glossolalia (3).

Contudo não se pode falar sobre este assunto sem antes se recorrer às suas origens, visando sobretudo a compreensão ampla de que elas realmente significam. Tanto Pentecostes quanto Pentecostalismo estão inseridos num contexto maior e muito diversificado que é o contexto religioso ou da Religião. Como afirma Civita, em sua obra, a partir da ideia de Deus, o homem desenvolve o costume, a prática, ou seja, o culto onde procura calar a voz de suas muitas dúvidas e enigmas do universo (4), isto é religião. Ou como o apóstolo Tiago que em sua epístola afirma ser a religião verdadeira aquela que se envolve diretamente na prática da comunhão através do serviço social ao ser humano (5). A religião possui um processo onde observam-se inúmeras ramificações e até subdivisões e, nestes aspectos, se encontram os objetos deste estudo. No desenrolar do processo religioso vê-se o aparecimento do judaísmo no oriente, que culmi

na com o surgimento do Cristianismo, desembocando na Reforma Protestante. Obviamente esta questão continua em movimento, visto que se trata de um processo, no qual o protestantismo, símbolo do segundo grande cisma da igreja, brota como movimento o "Pentecostalismo", em fins de século XIX e início de século XX. Este movimento foi reflexo dos "Grandes Despertamentos" (século XVII) de Johnathan Edwards e Charles Finney, ambos ministros calvinistas que mudaram suas tendências tradicionais adotando a ideia de um viver prático sobre a experiência da salvação como também de cada um de seus elementos formadores (6). Mas o grande impacto que deu forma e conteúdo ao Pentecostalismo, foi o acontecimento ocorrido na Rua Azusa, numa igreja de negros episcopal e metodista, sob a direção de William J. Seymour discípulo das experiências glossolálicas de Charles Fox Parham, seu professor e também de uma outra aluna Agnes Ozman, todos estes acontecidos em Topeka, Kansas (EUA) em 1901 (7). Esta experiência glossolálica é o ponto de interseção entre Pentecostes e Pentecostalismo, isto é, o falar em "línguas estranhas" fora da compreensão do que se profere.

O Pentecostalismo sofreu muitas agressões e travou inúmeros conflitos entre e por parte dos grupos protestantes tradicionais, onde não são, até mesmo nos dias atuais, poucos os que não consideram tal movimento como de caráter genuinamente protestante, porém a maioria respeita e o admite como autenticamente evangélico (9). Mas notam-se seus dramas internos causados principalmente pelas práticas excessivas de alguns grupos, o que causou muitas subdivisões, entre as quais duas divisões são as únicas de relevância notável e definitiva no entendimento dos grupos pentecostais: as que creem na santificação dentro do "Batismo pelo Espírito Santo" e aquelas que creem na santificação dentro da teoria da "obra da salvação". Faz-se necessário entender o Pentecostalismo não como mais uma religião e sim como consequência do processo religioso do Cristianismo (10).

Talvez muito dos conteúdos sobre este assunto não esteja tão envolvidos ou mesmo interessados no que relata a História, apesar da preocupação humana para com o passado, como afirma Cairns (11), muitos têm atropelado o processo histórico com seu pensamento cheio de preconceitos e ideologias preconcebidas. Entretanto não se pretende aqui se fazer conhecer os métodos de pesquisa, nem tão pouco mostrar qual deve ser a postura do pesquisador, uma vez que a preocupação deste até agora

tem sido procurar desfazer certos erros que a história não registrou sobre o Movimento Pentecostal, os quais provêm unicamente de uma interpretação preconceituosa e de sutil arbitrariedade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA NESTE CAPÍTULO:

- (1)
 DEARAÚJO FILHO, Caio Fábio. Avivamento Total. Rio de Janeiro: VINDE, 1993.
- (2), (3), (7), (8), (10)
 ELWELL, Walter A. Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã. vol.III. N-Z. 1ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.674p.
- (4), (6), (9)
 CIVITA, Victor. As Grandes Religiões: pentecostalismo. vol.I&IV. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 800p.
- (5)
 BÍBLIA SAGRADA, Epístola de São Tiago. cap.1,vs.27.
- (11)
 CAIRNS, Earle E. O Cristianismo através dos Sábios. Uma História da Igreja Cristã. 3ed. São Paulo:Vida Nova,1990.508p.

ANÁLISE DE CONCEITOS

No capítulo anterior viu-se a gênese ou a origem do Movimento Pentecostal, isto mais precisamente no que se refere a sua história observada numa perspectiva bem ampla. Neste capítulo pretende-se observar tal movimento de uma maneira mais detalhada.

Segundo Francisco Cartaxo Rolim, o Pentecostalismo ou Movimento Pentecostal pode ser considerado como uma nova religião de influência e práticas distintas. Mas o que realmente pode ser caracterizado como uma nova religião? Resumindo: O que é religião? Obviamente pretende-se mostrar certo equívoco nas afirmações de Rolim (1). Não considera-se o Pentecostalismo como uma nova religião, pode-se afirmar que o mesmo constitui-se um desdobramento ou ramificação do processo imposto pela própria religião cristã. Toda religião possui um universo próprio, distinto e individual, com crenças, atitudes e práticas muito bem definidas. Dentro do Pentecostalismo vê-se que suas práticas, crenças e costumes, definem-se muito bem dentro do universo do cristianismo, ou seja, este movimento como tal encontra-se totalmente identificado com a essência cristã: a crença na pessoa de Jesus Cristo.

Outra crítica que se pode lançar sobre a definição de Rolim, seria a que é apresentada por Elwell (2), quando propõe a discussão sobre o significado real da religião. Segundo Elwell muito tem sido apresentado como proposta de significado, porém só obtêm-se resultados igualmente diversos pois nem mesmo a própria etimologia da palavra tem ajudado a se chegar a uma conclusão, isto porque a cada época RELIGARE e RELIGERE ganham um novo sentido produzindo então um novo conceito para a palavra. Contudo Elwell não deixa de afirmar que a maioria dos pesquisadores aceita que religião significa, em síntese, o reconhecimento de um poder superior, invisível, com atos reverentes e manifesta dependência deste poder na vivência de seus cultuadores. O que se está tentando afirmar, ao caríssimo leitor, é que ao designar o Pentecostalismo como uma "nova religião", Rolim erra não apenas em esquecer-se das semelhanças e identificação do mesmo com o Cristianismo, fazendo confusão entre práticas e essência, mas também peca por apresentar tão ainda indefinido e mutável como o de religião, em um universo absoluto, ou seja, um conceito relativo como o de religião só permite análise dentro de um contexto igualmente relativo. O que se vê no Pentecostalismo é uma adaptação de suas práticas ao contexto e

entendimento espiritual dos seus crentes cristãos.

Dentro aspecto que se pode observar no Movimento Pentecostal, é a terminologia "Seita" que muito se confunde com religião na visão de muitos autores. Mas como (tal) a religião, o conceito de Seita também é bastante variável de acordo com pensamento e as circunstâncias de cada época. Contudo aqui está apenas se fazendo uma analogia entre os conceitos de Seita e de religião, com isso não se quer dizer que são iguais, pois como foi colocado anteriormente, nada ainda pode ser tratado como definitivo no conceito de religião. Ainda dentro da análise de Elwell,⁽³⁾ acerca do conceito de Seita, compreende-se que tal procede da palavra latina SECTA, do participio passado de SECARE (contar, separar), ou de SEQUI (seguir), dando sentido de partido, escola, facção, referindo-se geralmente a um grupo cuja identidade consiste em pertencer a um grupo social maior, em geral um grupo religioso. A exemplo disto vê-se os grupos judeus ou da religião judaica (Fariseus, Saduceus e Escribas), ou aqueles que foram participantes e frutos da Reforma Protestante de 1517. O que é interessante observar é que mesmo estando separados, tais grupos costumam manter seu vínculo no que se diz respeito a sua identidade - tal como os grupos religiosos judeus acima citados e os puritanos da igreja anglicana. Nos dias atuais o conceito de Seita tem adquirido um sentido tremendamente perjorativo, ou seja, Seita em geral, tem significado algo ruim pois vem de uma divisão ou, o que é ainda pior, tem significado o surgimento de grupos nocivos ao que se pode ser considerado de mais puro na religião. Quem assim entende, confunde e jamais diferencia seita de heresia, nem toda seita é herética, embora toda heresia produza uma seita - como os gnósticos de primeiro século da era cristã, ou os montanistas do segundo século. Distinguir estes conceitos é essencial a este estudo, visto que o Movimento Pentecostal tem sido encarado como uma seita, isto, vale salientar, que é dentro do sentido perjorativo empregado à palavra. Logicamente, através do que apresentou-se anteriormente, que a presente pesquisa concorda com a denominação de Seita para o Pentecostalismo, mas isto desde que se encare do ponto de vista de que mesmo sendo um grupo ou facção não significa dizer que ele está desligado ou não identificado com o Cristianismo. Viu-se no capítulo anterior que o Movimento Pentecostal nasceu numa igreja evangélica protestante reconhecidamente cristã. Esta discussão relaciona-se também com



uma "falha" que muitos apontam contra o protestantismo, que seria a sua multiplicidade, divisão ou mesmo fragmentação interna, porém, caro leitor, o que chamam de divisão, multiplicidade e fragmentação, significa "diversidade". Diversidade é essa que é apoiada pela própria Bíblia, quando aponta a ação do Espírito Santo - terceira pessoa da Trindade - como doador de inúmeros dons que aperfeiçoam os talentos dos crentes para o serviço a Deus e aos seres humanos (4). Unidade e diversidade jamais podem ser confundidos, pois a unidade dentro das Escrituras bíblicas nem de longe pode ser entendida como uniformidade. Se for observado desde os primórdios da História da Igreja, notar-se-á que muito a Igreja modificou, aperfeiçoou e adaptou seus costumes às culturas dos povos, entretanto jamais transformou ou variou seu conceito, a sua essência de fé: a crença na pessoa de Jesus Cristo. O Movimento Pentecostal é fruto desta adaptação, foi produzido, concebido, gerado e nasceu dentro do protestantismo cristão. A História da Igreja não se inicia em mais ou menos 33 A.D. e conclui-se em 1517, mas vem desde este primeiro século até os dias atuais. Se fosse admitido este início e este fim no processo da história eclesiástica, concordar-se-ia com o pensamento de que a História tem fim em seu processo. Observando-se de acordo com este prisma, compreende-se que o Movimento Pentecostal é uma seita, uma denominação entre tantas outras criadas pelo universo cristão, sem contudo deixar de pertencer a ele em essência. Analisando assim o que existe é um exercício sadio desta diversidade permitida pela unidade, onde seus adeptos optam pela melhor forma de adorar a Divindade.

Citou-se anteriormente a ideia do Pentecostalismo como um desdobramento do processo religioso. Especificando um pouco mais vê-se que o mesmo é uma ramificação do desdobramento do protestantismo. Já foi citado também que este movimento originou-se num meio protestante e que também com ele se identifica-se em sua essência. A partir dessa ideia se pode integrar ao Movimento Pentecostal a definição de ramificação do protestantismo, classificando-o como "Protestantismo de Conversão", diferente da outra classificação para as demais seitas protestantes - as que compõem o "Protestantismo de Imigração". Faz-se necessário, para um melhor entendimento, identificar essas duas classificações em suas definições. Protestantismo de Imigração e de Conversão, segundo a análise de Cândido Procópio Ferreira de Camargo (5), são

consequências diretas da implantação do protestantismo no Brasil, ou seja, o primeiro deu origem ao segundo. Considera-se como de imigração a doutrina protestante implantada tal qual a forma e o modelo de sua origem e de seus respectivos fundadores a partir de Lutero e Calvino (Tradicionalismo Protestante). Quando trazido para o Brasil, o protestantismo chegou não em intenção de propagação, pelo menos imediata, de sua fé. Entretanto ao ser implantado nas terras brasileiras, foi recebendo missionários estrangeiros, principalmente, norte-americanos. Tais missionários foram empreendendo um trabalho de expansão da fé evangélica convertendo a muitos e fazendo com que as igrejas protestantes abrissem suas portas não só a imigrantes e suas famílias, mas também à comunidade simples que rodeavam estas igrejas. Ai percebe-se o surgimento do Protestantismo de Conversão, que consistiu então num meio de propagação e difusão da fé evangélica, visando alcançar qualquer pessoa, seja ela rica ou pobre. Entretanto tudo não foi tão simples assim, pois as igrejas tradicionais evangélicas colocavam alguns entraves à ideia de expor seus púlpitos a leigos e à gente comum - nestas igrejas dá-se muito valor à formação teológica do indivíduo principalmente daquele que intenciona ser líder - , daí, para tais igrejas, a expansão, promovida pelo Protestantismo de Conversão, deveria ser contida dentro de alguns padrões. Dentro do Pentecostalismo o Protestantismo de Conversão encontrou apoio total, visto que, como Rolim (6) aborda, este movimento prega o livre exercício do sacerdócio (o sacerdócio universal) aos crentes, sem que os mesmos precisem de uma educação teológica em escolas ou faculdades de Teologia. Para o Movimento Pentecostal, cada indivíduo cristão possui a Trindade Santa habitando dentro dele, capacitando-o a desenvolver-se em todos os campos de atuação da igreja, seja na homilia, no canto ou na prece. Infelizmente, pelo exagero posto sobre esta inspiração sacrotrina, que sobrevem ao indivíduo pentecostal, o Pentecostalismo tem renegado a formação teológica a um segundo plano, muitas vezes nem mesmo tem concordado com o envio de seus convertidos a escolas, seminários ou faculdades de Teologia, porque os considera desnecessários à capacitação de seus líderes (pastores), missionários, etc.

O Movimento Pentecostal, dentro da visão de Rolim (7), desenvolveu alguns esquemas de atração, ou como ele denomina de "Táticas Pentecostais". Tais táticas são apontadas por Peter Wagner (8) como as responsáveis pelo seu crescimento :

exorbitante em relação às demais seitas ou denominações protestantes mais tradicionais. Analisando-se os quadros abaixo pode se observar com maior clareza tal crescimento:

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PROTESTANTES NO BRASIL, SEGUNDO DENOMINAÇÕES, NOS ANOS DE 1930 E 1964 (9)

DENOMINAÇÕES PROTESTANTES	ANOS	
	1930	1964
Batistas	30,0	9,1
Presbiterianos	24,0	6,5
Metodistas	11,5	2,1
Presbiterianos Independentes	10,0	-
<u>Pentecostais</u>	<u>9,5</u>	<u>65,2</u>
Adventistas	5,0	2,3
Congregacionalistas	3,0	-
Episcopais	2,5	-
Luteranos	-	11,6
Outros	4,5	3,2
TOTAL	100,0	100,0

DISTRIBUIÇÃO DOS PROTESTANTES NO BRASIL, SEGUNDO DENOMINAÇÕES, EM DIVERSOS ANOS (10)

ANO	NÃO-PENTECOSTAIS		PENTECOSTAIS	
	Batistas	Presbiterianos	Cong. Cristã	Ass. de Deus
1930	-	-	-	14.000
1935	43.036	-	-	-
1936	-	-	2.100	-
1940	-	-	50.223	-
1945	-	55.468	-	-
1947	84.512	-	-	-
1949	-	76.307	9.187	-
1957	-	137.234	-	-
1958	163.859	88.154	-	-
	186.595		264.020	720.000
1961	200.000	-	-	-
1962	-	-	-	950.000
1967	256.832	175.163	500.000	1.400.000

Obviamente a questão é: Que táticas são estas responsáveis por um avanço grandioso em tão pouco tempo de implantação deste movimento (isto olhando-se para as demais denominações advindas bem antes do Movimento Pentecostal)? As outras seitas protestantes tinham suas escolas de formação de líderes com um ensino equivalente ao de um curso superior, onde se aprende Teologia, história do cristianismo e a Bíblia. Os pentecostais não tiveram escolas para tal formação, esta vinha da prática dos cultos, da aprendizagem simples da leitura bíblica, aos domingos, e da própria pregação. Muitos pentecostais nem possuíam o curso médio, dispunham de uma cultura popular oral, canalizada para o Pentecostalismo, porém não absorvida pelas demais igrejas protestantes. Daí o Pentecostalismo abriu suas portas para gente simples e de pouquíssima instrução que encontravam neste movimento a oportunidade para pregar a Bíblia no meio de sua própria gente. Foram os pentecostais os primeiros a levar a Bíblia às camadas empobrecidas, precedendo de muito o catolicismo e grande maioria das igrejas evangélicas.

Outra tática seria o acolhimento fraternal que o indivíduo encontra dentro das igrejas pentecostais, coisa que não acha quando adentra nas igrejas católicas dos grandes centros urbanos. Sentindo-se acolhido com simpatia e calor humano, faz-se pentecostal. Mais de 80% daqueles que tornaram-se pentecostais vieram do catolicismo, ou seja, do catolicismo devocional - adoração, culto ou veneração aos santos (11). Embora convertido a uma nova prática, o pentecostal, de antigo devoto trouxe apenas o santo pela Bíblia, onde a partir de sua leitura vem-lhe à consciência a crença no Espírito Santo. Sua leitura bíblica é quase que unicamente literal, crendo que o poder de Deus ainda manifesta-se em seus dias. Repudia sua antiga prática religiosa - fato marcante na conversão.

Logicamente muito longe está de se esgotar este assunto, aqui foram expostos apenas os aspectos mais gerais que se observam dentro do assunto. No capítulo que se segue abordar-se-á a origem do Movimento Pentecostal, mais especificamente no Estado do Rio Grande do Norte, ponto principal desta pesquisa.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA NESTE CAPÍTULO:

OB OB OB OB

(1), (6), (7), (11)

ROLIM, Francisco Cartaxo. O Que é Pentecostalismo. São Paulo: Brasiliense, 1987. 96p.

(2), (3)

ELWELL, Walter A. Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã. vol. III. N-Z. 1ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. 674p.

(4)

BÍBLIA SAGRADA, Epístola de II Coríntios, cap. 12, vs. 4-6.

(5), (9), (10)

CAMARGO, Cândido-Procôpio Ferreira de. Católicos, Protestantes, Espíritas. Petrópolis: Vozes, 1973. 184.

(8)

WAGNER, Peter. Por que crescem os pentecostais? 1ed. Miami: Vida, 1987. 160p.

O MOVIMENTO PENTECOSTAL NO RN

A nível de Brasil tudo começou com a fundação da Congregação Cristã no Brasil em 1910, iniciada por Luigi Francescon, no bairro italiano do Brás na capital de São Paulo. Francescon chegara dos Estados Unidos em 1909 com a intenção de difundir sua experiência pentecostal entre seus compatriotas, (1).

Entretanto foi a seita da Assembleia de Deus que alcançou maior destaque dentre as demais seitas pentecostais. A seguir serão enumerados os acontecimentos que trouxeram ou fizeram a história nacional e local da Assembleia de Deus.

A Igreja da Assembleia de Deus no Brasil foi fundada em 1911, pelos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, provenientes da Suécia que chegaram neste mesmo ano à Belém do Pará. Poucos anos depois, com a ida de nordestinos para aquele Estado do norte de Brasil, os pioneiros verificaram que deviam expandir a mensagem evangélica pentecostal para o Nordeste, atendendo aos anseios dos que se convertiam e queriam que seus familiares também fossem conhecedores e participantes da nova fé abraçada.

Em 1916, no mês de agosto, chegava a Natal, vindo do Pará, o pentecostal Antônio Felipe Bezerra e sua esposa dona Luizinha, ambos nascidos no RN e que foram ao Pará em busca de melhores dias e, lá, aceitaram a fé evangélica pentecostal, crendo na doutrina da glossolalia; ao mesmo tempo, chegava, aqui, um outro pentecostal chamado Francisco Cezar, ex-presbiteriano, que crera também no mesmo ponto de vista doutrinário.

No início de 1917, na residência do crente Antônio Felipe Bezerra foram também convertidos José Domingos da Costa, Pedro Jacinto e esposa. Em uma reunião na casa de Antônio Felipe, um dos novos adeptos (José Domingos da Costa) recebeu a experiência glossolálica, iniciando a obra pentecostal na terra potiguar. Em fins de 1917, Antônio Felipe voltou ao Pará, deixando o crente Francisco Cezar e mais três novos convertidos, responsáveis pela continuidade da divulgação inicial do Evangelho Pentecostal no RN. Outras pessoas estavam interessadas na novidade deste movimento.

No dia 13 de Janeiro de 1918, na chamada "Rua do Ara

me, na casa do soldado Luiz de França, vulgo "Lulu", os pentecostais resolveram realizar um culto. Nenhum deles sabia ler. Foi então que o Sr. Francisco César convidou o soldado da polícia Luiz de França para ler um trecho da Bíblia em Apocalipse cap. 21, vs. 21-27. A seguir cantaram alguns cânticos e ouviram-se alguns relatos sobre as graças alcançadas pelo poder de sua crença pentecostal. Ao final do trabalho, sem que houvesse convite, o soldado Luiz de França, Terezinha, sua esposa, Isabel, Maria, Balbina e Filomena, converteram-se também ao pentecostalismo, completando 10 (dez) crentes, com os já existentes. Foi um grande dia para aqueles crentes. A partir daí, ficaram reunindo-se na casa do agora irmão Luiz de França - "irmão" é um termo de tratamento muito utilizado entre os evangélicos em geral -, na Rua do Arame, até 1919, onde começaria a primeira congregação da Assembleia de Deus no Rio Grande do Norte, em Natal.

Em abril de 1918, foi enviado a Natal o irmão Adriano Nobre, pregador eloquente e conhecedor profundo dos escritos bíblicos, pelos pioneiros Daniel Berg e Gunner Vingren, por solicitação do irmão Francisco César, que, humilde e corajosamente ficara responsável pelos primeiros frutos do trabalho. O irmão Adriano Nobre foi o iniciador e organizador da Igreja Assembleia de Deus no RN.

No dia 15 de abril de 1918, às margens do rio Potengi, junto da Ponte de Igapé, o irmão Adriano Nobre realizou a primeira cerimônia de batismo do Movimento Pentecostal deste Estado. Foram batizados: Pedro Jacinto e sua esposa, Francisco Bezerra, Luiz de França, Terezinha, Maria, Isabel (esposa de Cirilo Galvão). Esta, após sair das águas recebeu a experiência glossolálica. Dois dias depois, por necessidade, foram batizados por Adriano Nobre mais duas mulheres, por nome Balbina e Filomena. O desejo dos crentes era o de cumprir a expansão da fé cristã. Dias depois, o irmão Adriano Nobre viajou ao Sítio "Sumaré", município de Goianinha, onde já havia um trabalho eclesial pentecostal iniciado e realizou o terceiro cerimonial de batismo, no qual foram iniciados no fé o sr. Natanael Galvão de Figueiredo, um dos pioneiros do evangelho no RN, ainda hoje vivo e crente dentro da Assembleia de Deus, onde ocupa a função de presbítero - Função episcopal, ou seja, semelhante à do Bispo católico(2)

O livro "História da Assembleia de Deus no Brasil"(3) considera o primeiro pastor da Assembleia de Deus no RN, o

sr. José Estumano Moraes, o que concorda com os dados fornecidos pelo Pr. João Batista da Silva - ex-pastor presidente das Assembleias de Deus no RN. O pr. José Estumano de Moraes foi enviado pela igreja-mãe, de Belém do Pará, em 1919.

O pr. Moraes, dado o pequeno espaço do salão à Rua do Arame, alugou outro salão, à Rua América s/n, onde estabeleceu o trabalho de denominação, sendo considerado ponto histórico, existindo, ainda hoje, o local pioneiro.

O pr. Moraes procurou chegar ao interior e, em 1920, visitou Vila Nova, onde havia um trabalho no "Sítio Moreira", dirigido pelo sr. José Meneses. Nesse período, em 1922, visitaram aquela localidade os missionários Samuel Nistron e Nellie Nelson. O pr. Moraes, tendo de regressar ao Pará foi substituído pelo irmão Josino Galvão, que pastoreou a igreja até 1923. Nessa época, houve grande perseguição ao Movimento por parte de irmãos de outras denominações. O pastor que perseguiu a igreja morreu dentro de pouco tempo, cessando o problema. De igual modo, foi grande e cruel a perseguição da Igreja Católica que, naqueles tempos, proibia, através de alguns sacerdotes, que se desse pão e água aos crentes, a quem chamavam de "capas verdes", "bodes" e de outros nomes impúblicáveis.

Sucedeu ao pr. Josino o irmão Manoel Higinio de Souza, vindo de Nova Cruz, ficando à frente da denominação até dezembro de 1924. O quarto pastor foi o sr. Bruno Skolimowski, ficando em Natal até 1926. No seu pastoreado, a igreja foi transferida da Rua América para a Rua Amaro Barreto nº40, segundo o livro "História da Assembleia de Deus no Brasil" (4). Vale salientar que os dados em poder do pr. João Batista da Silva indicam que o terreno para a construção do templo à Rua Amaro Barreto foi adquirido pelo pr. Manoel Higinio de Souza, com dinheiro emprestado pelo missionário Samuel Nistron, no total de 3.500 (três mil e quinhentos) contos de reis. Ali, funcionou o templo e, atrás, a casa pastoral. O templo mesmo foi inaugurado no dia 13 de janeiro de 1924, mas era muito modesto. No pastoreado de Bruno Skolimowski, foi reformado e reinaugurado.

No novo templo, no dia 03 de setembro de 1930, já no pastoreado do irmão Francisco Gonzaga, que sucedeu ao anterior, foi realizada a Primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, o que é fato digno de nota. Esti

Veram presentes ao evento dezoito pastores e missionários, dentre os quais Levi Petrus da Suécia, os pioneiros também suecos Daniel Berg e Gunner Vingren, Samuel-Nistron e outros. Foram secretários da convenção os irmãos Leão e Manoel Hígino de Souza. O ex-pastor presidente da Assembleia de Deus no RN de este pouco tempo atrás, também esteve presente àquela convenção. Dela, advieram importantes decisões. No âmbito nacional, tendo em vista o crescimento da obra pentecostal e a necessidade de divulgar as notícias da denominação, foram criados os jornais "BOA SEMENTE" e "SOM ALEGRE", os quais, depois, deram lugar ao atual "MENSAGEIRO DA PAZ". No âmbito local, sentiu-se a necessidade de construir-se um templo maior para atender, também, ao aumento do número de membros da organização.

Assim, o pr. Francisco Gonzaga (quinto pastor), num gesto de fé, ouvindo a igreja, vendeu o imóvel (terreno e templo) da Rua Amaro Barreto, e procedeu a construção do atual templo, à Rua Manoel Miranda, cuja inauguração se deu no dia 24 de Janeiro de 1937. O pr. Gonzaga permaneceu à frente do trabalho durante 11 (onze) anos, de 1926 a 1937.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA NESTE CAPÍTULO:

- (1)
ROLIM, Francisco Cartaxo. O Que é Pentecostalismo. São Paulo: Brasiliense, 1987. 96p.
- (2)
LIMA, Elinaldo Renovato de. Os 75 anos da Assembleia de Deus no RN. Natal, 1993. 13pp.
- (3), (4)
ALMEIDA, Abrão de. História das Assembleias de Deus no Brasil. - Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

Faltou mais análise

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do Movimento Pentecostal desenvolveu-se também um conceito escatológico - ou seja das últimas coisas -, que mais se considera apocalíptico, ou seja, uma ideia sobre o fim trágico e catástrofico do mundo e de seus indivíduos.

Segundo Rolim (1), eles desenvolveram este pensamento porque desejam um mundo novo para si e seus familiares e isto só será possível acabando-se com esta realidade. Seria uma projeção daquilo que desejam sobre uma realidade ruim que precisa ser modificada. Infelizmente, esta esperança ou desejo tem sido canalizada para um entendimento errado que tem acomodado e alienado seus crentes deixando-os, em sua maioria, de braços cruzados ante a desgraça e o sofrimento humano. Sem se aperceberem tem concordado com as vontades do sistema capitalista opressor, isto comprovado com suas obras de um assistencialismo inútil, desviante das obras de serviço que visa não só dar o peixe (comida) mas também ensinar a pescar (Trabalho).

O Pentecostalismo tem muito ainda por desenvolver e até mesmo por concertar em alguns de seus posicionamentos. Contudo o maior desafio, consiste, como escreve Rolim, (2) fazer com que a ideia da esperança por dias melhores para o homem, deixe de ser apenas uma visão apocalíptica - onde tudo que se faz se resume unicamente num mundo milenial que tornará real seu desejo de prosperidade -, e torne-se uma prática escatológica firme e atuante na luta contra a injustiça, ou seja, que este crente seja um agente preocupado e dedicado à libertação daqueles escravizados por sistemas e ideologias ou idiotizados pela crueldade de sua existência tão miserável..

Deveria ter desenvolvido mais!

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA NESTE CAPÍTULO:

(1), (2)

ROLIM, Francisco Cartaxo. O Que é Pentecostalismo. São Paulo: Brasiliense, 1987. 96p.

Mas conseguiu identificar com elementos econômicos que partes me introduziram



BIBLIOGRAFIA

01. ALEXANDER, H.E. Pentecostalismo ou cristianismo? 2ed. São Paulo: Casa Brasileira da Bíblia, 1956. 85p.
02. ALMEIDA, Abraão de. História da Assembleia de Deus no Brasil Rio de Janeiro: CPAD, 1988.
03. CAIRNS, Earle E. O Cristianismo através dos séculos, uma história da Igreja Cristã. 3ed. São Paulo: Vida Nova, 1990. 508p.
04. CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Católicos, Protestantes, Espíritas. Petrópolis: Vozes, 1973. 184p.
05. CIVITA, Victor. As Grandes religiões: pentecostalismo. vol. I&IV. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 800p.
06. D'ARAGÓJO FILHO, Caio Fábio. Avivamento total. 1ed. Rio de Janeiro: VINDE, 1993.
07. ELWELL, Walter A. Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã. vol. III (N-Z). 1ed. São Paulo: Vida Nova, 1990. 674p.
08. FREUND, Julien. Sociologia de M^{ax} Weber. 4ed. Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 1987. 210p.
09. LEITE FILHO, Tácito da Gama. Saitas do nosso tempo, Saitas proféticas. vol. I. 4ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1989. 155p.
10. Saitas do nosso tempo, Saitas neo-pentecostais. vol. 3. 2ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991. 192p.
11. LÉONARD, Émile G. O Protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social. 2ed. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1981. 354p.
12. LIMA, Elinaldo Renovato de. Os 75 anos da Assembleia de Deus no RN. 1ed. Natal, 1993. 13p.
13. RÄHNER, Karl. Teologia e Antropologia. São Paulo: Paulinas, 1969. 260p.
14. WAGNER, Peter. Por que crescem os pentecostais? Uma análise do espantoso avanço pentecostal na América Latina. 2ed. Miami: Vida, 1987. 160p.